

MAL-ESTAR DOCENTE NA UNIVERSIDADE EM TEMPOS NEOLIBERAIS: UMA DISCUSSÃO PSICANALÍTICA E INTERSECCIONAL

*Beatriz Almeida Gabardo Traldi**

*Caroline Heloisa Sapatini***

*Sabrina Gurita Lima****

*Kelly Cristina Brandão da Silva*****

RESUMO: Este trabalho, pautado na interface Educação e Psicanálise, em interlocução com autores contemporâneos das Ciências Humanas que discutem os efeitos do neoliberalismo no campo da Educação, tem por objetivo discutir teoricamente o mal-estar na universidade, mais especificamente no que diz respeito ao sofrimento psíquico de docentes de universidades públicas brasileiras. As demandas desses professores, nos âmbitos do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão, a partir de uma lógica neoliberal, estão sob a égide do produtivismo acadêmico. Para a psicanálise, não há realidade pré-discursiva, ou seja, a realidade é marcada pelo discurso de determinada época. Dito de outra forma, os sujeitos têm suas subjetividades impactadas pela organização social do momento histórico em que estão inseridos. A partir da teorização lacaniana dos quatro discursos e de um enfoque interseccional, sobretudo no que concerne à discussão dos marcadores de gênero e raça, conclui-se que a lógica neoliberal se presentifica nas demandas institucionais inesgotáveis que se articulam e colocam em funcionamento discursos de dominação que objetificam discentes e docentes.

PALAVRAS-CHAVE: mal-estar docente; universidade; psicanálise, neoliberalismo; interseccionalidade.

TEACHER MALAISE AT THE UNIVERSITY IN NEOLIBERAL TIMES: A PSYCHOANALYTIC AND INTERSECTIONAL DISCUSSION

ABSTRACT: This work is based on the Education and Psychoanalysis interface, articulated to contemporary studies from the Human Sciences that discuss the effects of neoliberalism in the field of Education. This paper aims to theoretically discuss malaise at the university, more specifically to the psychic suffering analysis of professors at Brazilian public universities. The demands of these teachers, in the areas of teaching, research, extension and management, based on a neoliberal logic, are under the aegis of academic productivism. For psychoanalysis, there is no pre-discursive reality, the reality is marked by the discourse of a certain time. In other words, subjects have their subjectivities impacted by the social organization of the historical moment in which they are inserted. Based on the Lacanian theorization of the four discourses and intersectional approach, especially regarding the discussion of gender and race, it is concluded that the neoliberal logic is present in the inexhaustible institutional demands that articulate and put into operation discourses of domination that objectify students and teachers.

KEYWORDS: teacher malaise; university; psychoanalysis, neoliberalism; intersectionality.

* Mestra em Ciências da Saúde pela FEnf/UNICAMP, doutoranda no programa de pós-graduação em Saúde, Reabilitação e Interdisciplinaridade na FCM/UNICAMP e psicóloga. e-mail: beatriz_gabardo@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1905-751X>.

** Psicóloga pela Universidade Paulista, mestranda no programa de pós-graduação em Saúde, Reabilitação e Interdisciplinaridade na FCM/UNICAMP. e-mail: carolhsapatini@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1765-431X>.

***Graduanda em Fonoaudiologia pela FCM/UNICAMP; e-mail: s214507@dac.unicamp.br; ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8933-6595>.

**** Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Docente da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). e-mail: kcbsilva@unicamp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3512-1481>.

Introdução

A temática da saúde mental no contexto acadêmico nasce a partir da interlocução com outros docentes de universidades públicas nacionais e internacionais, a partir de uma pesquisa multicêntrica intitulada “Psicanálise e saúde mental na Universidade: políticas de vida, escuta e sobrevivência psíquica em tempos sombrios”¹.

Este artigo, pautado na interface Educação e Psicanálise, em interlocução com autores contemporâneos das Ciências Humanas que discutem os efeitos do neoliberalismo no campo da Educação, tem por objetivo discutir sobre o mal-estar na universidade, mais especificamente no que diz respeito ao sofrimento psíquico de docentes de universidades públicas brasileiras.

Destaca-se que há, no país, de acordo com dados do Censo Escolar 2022 do Ensino Superior, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (BRASIL, 2024), 2.595 instituições de ensino superior, sendo 2.283 privadas, o que corresponde a 88%, e 312 instituições públicas, 12% do total. Verifica-se que mais da metade das Instituições de Ensino Superior (IES) são privadas com fins lucrativos, a saber: entre as privadas, são 1.449 (55,8%) com fins lucrativos e 834 (32,1%) sem fins lucrativos e, entre as públicas, são 133 (5,1%) estaduais, 120 (4,6%) federais e 59 (2,3%) municipais.

As três fontes de mal-estar discutidas por Freud ([1930]2020), quais sejam, a finitude do nosso corpo, as forças da natureza e nossas relações com os outros foram ressignificadas a partir da pandemia. Alguns autores descrevem quatro ondas concernentes a esse acontecimento: a primeira onda se refere à mortalidade imediata por COVID-19; a segunda onda é causada pela demanda de queixas agudas ao sistema de saúde, com recursos restritos; a terceira onda reflete o impacto da interrupção da atenção integral aos doentes crônicos e a quarta onda, com perspectiva de longa duração, é relativa aos impactos na saúde mental (OLIVEIRA; NETA; NASCIMENTO et al, 2021).

A escolha pela noção de mal-estar para pensar o sofrimento psíquico de docentes universitários, longe de ser apenas o empréstimo de um termo utilizado por Freud ([1930]2020), configura-se como uma estratégia política, no sentido de que tem como meta criar um campo de investigação que inclua a dimensão do laço social. O termo mal-estar não é um conceito metapsicológico, mas sem dúvida Freud o utiliza reiteradamente em sua obra, adotando-o inclusive como título de um dos seus principais textos para pensar a cultura: “O mal-estar na cultura”. O autor também pontua que é a vida em sociedade que pode trazer alguma segurança e pertencimento para fazer frente ao desamparo diante das forças da natureza e dos efeitos pulsionais. Para o autor, diferentemente da ideia de sintoma, mal-estar abrange uma discussão ampla de problemáticas acerca do laço social, apontando para as relações e os discursos sociais que constituem o sujeito e dos quais ele participa.

¹ O presente trabalho contou com auxílio à pesquisa referente ao Edital PIND/PRDU/UNICAMP (processo nº 2433/23) e auxílio regular FAPESP (processo nº 2023/17975-6).

Toda essa discussão se ampara na premissa de que a psicanálise não é só uma terapêutica, isto é, seu corpo teórico-metodológico não se limita a nos dar ferramentas de trabalho restritas ao âmbito individual. Ao longo de sua história, a Psicanálise tornou-se um patrimônio da cultura que nos ajuda a pensar, de modo crítico, as problematizações do laço social (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2018), sobretudo a dimensão sociopolítica do sofrimento psíquico (GURSKI, 2019; ROSA, 2016).

O interesse específico do presente trabalho, a respeito da discussão de alguns elementos que auxiliem na reflexão acerca do sofrimento psíquico de docentes universitários, surge a partir da inquietante constatação de que há escassez de referências sobre esse tema.

No que se refere aos docentes, pouca atenção tem sido dada àqueles envolvidos com a educação superior. Quando se trata das consequências das transformações ocorridas hodiernamente no fazer profissional dos professores, a esmagadora maioria das pesquisas e textos ignora o que ocorre entre os docentes universitários. Aliás, este segmento desconhece o que vem acontecendo no interior de sua própria categoria profissional, haja vista não só a ausência de estudos, mas também de dados sobre a saúde do docente do ensino superior nas Unidades de Saúde das universidades. Contudo, os afastamentos, raras vezes oficializados, decorrentes de estresse, que constantemente encobrem o alcoolismo, a dependência química, a síndrome do pânico e a síndrome de Burnout, dentre outros transtornos, lombalgias, gastrites e depressão; ou mesmo a utilização de ansiolíticos, antidepressivos ou medicamentos conhecidos como tarja preta, estão experimentando um ascenso acelerado entre os professores universitários. (LEITE, 2017, p. 208)

Em contraposição, há muita bibliografia relativa à saúde mental de estudantes do Ensino Superior, sendo que os docentes aparecem como aqueles que necessitam de capacitação como agentes de prevenção ou acolhimento inicial de alunos com ideação suicida, tentativas de suicídio e suicídio (FAPESP, 2017). Leão, Ianni e Goto (2019), ao analisarem essa questão, salientam que responsabilizar os professores pela identificação do sofrimento entre estudantes é desconsiderar as contradições do trabalho docente e ainda silenciar sobre desgaste e sobrecarga desses profissionais, além da falta de condições materiais, rede de apoio e técnicas para lidar com a complexidade do sofrimento. Outro fato crucial a ser considerado é que muitos professores e funcionários passam também por sofrimento e adoecimento, o que merece consideração e cuidado.

Segundo Goulart e Antunes (2020), o tema do sofrimento mental de docentes na universidade pública brasileira contemporânea é invisibilizado, sendo que aqueles professores que comunicam seu sofrimento são instados a normalizar suas expressões, configurando-as como uma questão individual, psiquiátrica ou jurídica.

Leão, Ianni e Goto (2019) destacam ainda que o cuidado clínico individual é importante, contudo, de acordo com os autores, tratar a temática da saúde mental na universidade como um monopólio clínico-terapêutico, majoritariamente individual, radicaliza o processo de individualização, o que pode apagar os impasses e contradições sociais, que seriam causa material do sofrimento.

A educação em tempos neoliberais

O contato com a literatura atual nos suscitou a interrogação: “Por que há uma quantidade maior de produção científica sobre o mal-estar do alunado e menor sobre o professorado?”. Na sociedade moderna brasileira, o tema do mal-estar e do sofrimento psíquico ainda é cercado por estigmas. Estigma pode ser definido como uma concepção equivocada sobre algo ou alguém que transmite a ideia de inferioridade e menor status. Essa ideia errônea adquire a posição de estigma quando há a incorporação dessa visão na sociedade. Vale ressaltar que um estigma é influenciado por fatores culturais, econômicos, políticos e históricos, sendo um processo que ocorre em um contexto social e não individual (FERREIRA; CAVALHO, 2017; ECONOMOU; BECHRAKI; CHARITSI, 2020).

As intervenções antiestigma, ou seja, aquelas voltadas para o enfrentamento de definições segregadoras, podem ser divididas em protesto, educação e contato. O protesto é identificado como uma ferramenta eficaz para estimular uma revisão de comportamentos por parte das pessoas. O contato, isto é, o confronto entre realidade e a concepção equivocada estigmatizante é considerado fundamental para reduzir o preconceito e possibilitar a inclusão na sociedade. Por fim, a educação, em todas suas formas e níveis, é vista como uma abordagem essencial para desmistificar conceitos prejudiciais estigmatizados (ECONOMOU; BECHRAKI; CHARITSI, 2020; ZISSI, 2022). Logo, as produções científicas voltadas para o tema do mal-estar, como o presente artigo, se justificam por serem um tipo de intervenção antiestigma, no que concerne ao sofrimento psíquico.

Dito isso, seguimos para pensar o mal-estar do professorado. Santos (2021) aponta que ele pode ser compreendido a partir da perspectiva de uma crise cultural da sociedade moderna, evidenciando uma mudança nos laços sociais e, por consequência, uma possível falta de elaboração e construção social sobre as vivências e os sentidos da experiência humana. Desta forma, se faz necessária uma análise crítica e capaz de abarcar a complexidade do fenômeno que esta mudança representa, incluindo as questões sociais, políticas, econômicas e éticas.

A sociedade do século XXI é considerada, de acordo com Han (2015, p. 23), uma sociedade de desempenho, na qual seus habitantes seriam sujeitos de desempenho e produção, “empresários de si mesmos”, confrontados com excesso de trabalho e consumo, a partir da ideologia da autocriação e do sujeito autônomo, orientado pela eficiência técnica, sucesso profissional e liberdade individual. A partir dessa perspectiva, todos os riscos seriam assumidos individualmente.

As racionalidades neoliberais podem ser apontadas como as causadoras das mudanças profundas em nossa sociedade (DARDOIT; LAVAL, 2016). Tais racionalidades são oriundas do funcionamento do discurso do neoliberalismo que se apresenta a partir da ideologia que afeta pensamentos e sentidos, ocultando a existência do mercado e fazendo com que o capital se concentre nas mãos de poucos grupos.

O discurso neoliberal depende do estabelecimento de uma relação superficial com a realidade, o que exacerba o mal-estar inerente do ser humano no mundo capitalista (CROCHICK, 2021). Logo,

observa-se atualmente condutas meritocráticas, que visam o lucro, consumo e a produtividade, alterando profundamente as relações em nossa sociedade, o que repercute e organiza uma nova forma de controle das diferentes instituições sociais a partir da lógica do mercado (DARDOT; LAVAL, 2016).

Compreende-se que o sujeito neoliberal é construído a partir de relações orientadas por alguns princípios, como a permanente adaptação a outras conjunturas, a intensa concorrência, demanda de alto desempenho e a individualização na responsabilização dos fracassos e êxitos (CAPONI; DARÉ, 2020). No campo da educação, o discurso neoliberal também avançou, introduzindo a educação na lógica de mercado, via reformas administrativas que enfatizam a produtividade, a meritocracia, bem como controle e gestão das instituições sob os interesses empresariais, seguindo um modelo instrumental, competitivo e mercadológico (SANTOS, 2021). A educação passa a ser vinculada à preparação para o trabalho, associando a pesquisa científica aos interesses empresariais e à ideologia dominante.

Na medida em que a educação é cooptada por esta política neoliberal, a universidade se torna um espaço de propagação da forma ideológica que o capitalismo assume atualmente, cumprindo um papel de reprodução das contradições do mundo do trabalho. Um ambiente que deveria propiciar aprendizado e incentivo à iniciação científica e às experimentações passa a ser determinado pelo mundo da economia e pelos ditames do mercado (MORAIS; MAIA FILHO; GOMES, 2022). Além disso, a reprodução da lógica neoliberal na universidade também pode ser observada na constante cobrança e exigência de performance, produção e desempenho, sintetizada em um imperativo da produção em série de escrita acadêmica (SILVA; SGUISSARDI, 2009).

Para a psicanálise, não há realidade pré-discursiva, ou seja, a realidade é marcada pelo discurso de determinada época. Dito de outra forma, os sujeitos têm suas subjetividades impactadas pela organização social do momento histórico em que estão inseridos (LACAN, 1985a, 1992). Desta forma, os sujeitos atuais têm sua condição psíquica afetada, apresentando sintomas e formas de sofrimentos específicos deste horizonte histórico, delimitando uma forma de mal-estar contemporâneo (BIRMAN, 2019).

Demandas docentes: uma leitura a partir da teoria dos discursos em Lacan

As demandas dos docentes de universidades públicas, nos âmbitos do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão, a partir de uma lógica neoliberal, estão sob a égide do produtivismo acadêmico. De acordo com Lima (2022), há um empobrecimento dos laços de confiança e do senso de solidariedade no meio acadêmico em favor do individualismo e da competitividade, a partir da redução do investimento do Estado nas últimas décadas, o que aproximou as instituições de ensino superior, particularmente as públicas, do capital privado. Diante dessa perspectiva, há um crescente desafio que resulta da contradição entre a demanda de autonomia da universidade e a crescente pressão para submetê-la a critérios de produtividade e eficácia típicos do universo empresarial.

Segundo Goulart e Antunes (2020), o produtivismo acadêmico, assim como o assédio entre pares e as formas de avaliação dentro da universidade se configuram como as principais causas de sofrimento

entre professores, permeadas pela competição, individualismo e ausência de sentimento de pertença a um coletivo. O isolamento, a tentativa de mobilidade interna e o descredenciamento da pós-graduação estão entre as principais estratégias utilizadas em resposta ao sofrimento vivenciado.

Além disso, os docentes precisam lidar com a incorporação de novas tecnologias em sua prática profissional, assim como a adaptação a cenários extremos como os vividos na pandemia de COVID-19 (SILVA et al, 2023). Esse contexto tem contribuído para agravar os problemas de saúde física e o mal-estar dos educadores.

A fim de discutir essas demandas docentes contemporâneas, em uma perspectiva psicanalítica, é necessária uma digressão para introduzir a teorização lacaniana dos discursos. Compreende-se que essa fundamentação teórica é uma ferramenta bastante eficaz para refletir sobre o mal-estar docente.

Em meio as manifestações que marcaram o final da década de 1960, Jacques Lacan, psicanalista francês contemporâneo a Freud, iniciou seu décimo sétimo seminário intitulado “O avesso da psicanálise” (LACAN, 1992). Neste contexto histórico e social, a noção de discurso foi construída. Ela parte da compreensão de que na fala humana endereçada a outro semelhante há um discurso enquanto uma estrutura de linguagem que ultrapassa as palavras, a qual repousa nas relações fundamentais no campo do Outro, grafado com letra maiúscula, o qual não se refere a um outro semelhante (LACAN, 1992), mas aquilo que é externo, compartilhado socialmente pela linguagem e, por tal, é prévio ao nascimento de todo ser humano (BRANDÃO, 2019).

Desta concepção, foi consolidada a teoria dos discursos que concebe originalmente o liame social a partir da lógica do campo da linguagem e do inconsciente (RINALDI; JORGE, 2002). Os discursos nomeados como discurso do mestre, discurso do analista, discurso da histérica, discurso da universidade e discurso do capitalista são completamente radicais entre si e são as estruturas mínimas de todas as relações no liame social (BRANDÃO, 2019; RINALDI; JORGE, 2002).

A ordenação do discurso do mestre ocorre por $S1$. O agente do discurso é o Significante mestre que convoca o trabalho. Esse agenciamento de $S1$ em $S1$ acaba por gerar a si mesmo. Assim, o discurso do mestre valoriza apenas o que se localiza no início e no fim, ignorando as produções nesse intervalo, desconsiderando todo o deslocamento da cadeia e o saber de $S2$ produzido. Assim sendo, o significante significa a si mesmo, aprisionando o significante a um significado. Nada de novo ocorre nessa produção de saber, tudo é produto, passível de ser subtraído ou acumulado. Logo, permite uma forma de laço apenas na dialética, em que há um que é detentor de um saber absoluto sobre o outro (LACAN, 1992; BRANDÃO, 2019; TRALDI, 2023).

O saber produzido a partir do discurso do mestre possui um forte empuxo à dominação pela maestria, instaurando uma verdade que em nada se relaciona com a causa a do sujeito. Desta forma, esse discurso tem apenas contraponto no discurso do analista, enquanto o discurso do inconsciente pautado no desejo, observado nas rupturas, insurgências nas cadeias de significantes e nas formações

inconscientes, como sonhos, chistes, atos falhos, esquecimentos, mitos, sintomas e memórias encobridoras presentes no discurso (LACAN, 1992; 1998a; TRALDI, 2023)

O discurso da histérica é agenciado pelo $\$$, partindo da primeira insatisfação desse desejo. Surge enquanto desejo de saber, acentuando o que falha na linguagem, aquilo que cai, que vacila. O discurso da histérica evidencia a relação do gozo no discurso do mestre. Uma vez que desvela, o saber, $S2$, no discurso da histeria, se localiza no local da produção enquanto a , no discurso do mestre, ocupando o local da produção. Ao evidenciar isso, o discurso histórico se aliena ao $S1$, se tornando solidária ao discurso do mestre (LACAN, 1985b; 1992; TRALDI, 2023).

O discurso universitário é estruturado a partir de $S2$, sendo o berço do discurso científico da modernidade. Nesta forma de laço, o lugar de verdade é tomado pelo mandatário do trabalho de $S1$. Isso apela à ordem de sempre se saber e produzir mais às custas do apagamento do sujeito. Logo, a função do autor nesse discurso não se articula ao efeito do sujeito do inconsciente na produção de saber. Aqui o autor serve apenas para dar legitimidade à produção, a partir do renome daquele que produz. Fato amplamente presente na universidade atualmente. O saber aqui adquire status de absoluto, sendo que todo questionamento sobre a verdade do saber da experiência do inconsciente é silenciada (LACAN, 1992; RINALDI; JORGE, 2002).

O discurso do analista é exatamente o oposto do discurso do mestre, sendo essa radicalidade que permite que o que pode ser sabido, $S2$, seja convocado ao lugar de verdade sobre o $\$$ interrogado. Neste discurso, há a operação artificial de histerização do discurso do analisante, ou seja, ato de interrogação do saber em sua função de verdade. É nesse lugar de repúdio a um saber formalizado à parte do inconsciente, como vimos no discurso do mestre e universitário, que o analista deve se sustentar. Entretanto, esse saber completo agenciado por $S1$ e externo, sempre foi presente e é ele que articula a possibilidade do discurso analítico. Este fato evidencia e localiza o ineditismo e a subversão que o discurso do analista instaura (LACAN, 1992).

Desta forma, o discurso do analista, como forma de laço social, ao se ocupar da linguagem e do sujeito do inconsciente, subverte teorias positivistas e o saber formalizado e circulante, produtos do discurso do mestre e universitário (LACAN, 1992; 1998a; 1998b).

Munidos dessa construção teórica, densa, porém bastante elucidativa, podemos discutir as exigências da práxis docente como demandas. A satisfação humana não é instintiva como nos outros seres vivos, ela adquire outras determinações que, na concepção da psicanálise, são de ordem inconsciente. Nesse sentido, a linguagem deixa de apenas nomear as coisas, transpondo sua condição de registro e de nomeação de objetos, a partir de sua ausência (LACAN, 1998c; FREUD, [1914]1996). Desta forma, “a linguagem se impõe como a morte da coisa, ou seja, a palavra é capaz de representar algo que não está ali, assim a linguagem parte de uma ausência, de um cancelamento, de uma falta” (TRALDI, 2023, p.77).

Nesta perspectiva, o inconsciente passar a ser concebido enquanto estruturado tal como uma linguagem, isto é, possui leis e normas que o regem, conferindo uma ordenação de espaço e tempo (LACAN, 1998c; LACAN, 1998b). A partir destas constatações teóricas sobre necessidades humanas circunscritas na linguagem, organiza-se o conceito de desejo e demanda para a psicanálise (TRALDI, 2023).

A demanda surge de uma necessidade transcendida, significada por meio da linguagem (LACAN, 1998c; LACAN, 1998b). Na teoria dos discursos, a demanda marca o discurso da histérica. Nesse discurso, há a demanda por um saber capaz de responder à falta, requerendo assim um mestre. Entretanto, o discurso da histérica é caracterizado por não aceitar a resposta dada produzida por $S1$, instaurando assim a insatisfação, sinal desse discurso. Também eternamente insatisfeito é o desejo. Assim, somente o discurso da histérica e do analista resistem aos discursos de dominação representados pelos discursos do mestre, do capitalista e do universitário (LACAN, 1992).

Contudo, o discurso da histérica só rompe esta dominação se contingenciado pelo discurso do analista, não respondendo a estas demandas. Sem esse agenciamento, a demanda histérica apenas induz a produção do discurso universitário e do mestre. Assim sendo, é no encontro do discurso do analista e da histérica que se pode construir uma produção a partir da incompletude, a qual não responde à demanda da ilusão e da condição do todo e do um inteiro (LACAN, 1992; TRALDI, 2023).

Portanto, nos parece plausível começar a discutir o sofrimento e o mal-estar do professorado a partir deste norte. As demandas, estruturalmente inesgotáveis, atreladas ao discurso capitalista, têm impacto sobre o docente e parecem ser causadoras desse mal-estar. Isso que constatamos aqui parece ser óbvio, mas essa compreensão do funcionamento da demanda a partir da práxis docente na sociedade atual nos permite um próximo passo, o qual trataremos a seguir: a demanda e o empuxo à dominação pela via discursiva, ou seja, o chamamento a um mestre.

Seguindo na teoria lacaniana dos discursos, o *mais-de-gozar*, a , é o que impulsiona a cadeia significativa por meio da repetição na busca infundável do objeto perdido, $S1$, oriundo da castração. Lacan aproximou esse funcionamento ao do modelo de produção capitalista, em que o trabalhador nunca tem acesso completo ao que produziu, uma vez que parte do lucro de seu trabalho permanece com o patrão, o que foi designado por Marx como *mais-valia* (LACAN, 1992; OLIVEIRA, 2008).

A releitura lacaniana da obra marxista designou um elemento estrutural, pois mostrou que o mercado nascido da compra e da venda da força de trabalho, enquanto mercadoria, fez surgir um novo sistema econômico e, para psicanálise, um novo discurso, o do capitalista. Logo, a *mais-valia* surge a partir do discurso capitalista, ou seja, ela é ao mesmo tempo produto e causa, engendrando o funcionamento (LACAN, 1992; OLIVEIRA, 2008; TRALDI, 2023).

Ainda na teoria dos discursos, Lacan estabelece um paralelo com a estrutura desnudada por Marx ao localizar o campo do Outro no mercado, situando que o correspondente da *mais-valia* seria o *mais-*

de-gozar. Evidencia-se uma operação de impossibilidade, em que uma perda é o efeito do discurso e, ao mesmo tempo, o articula infinitamente (LACAN, 1992; OLIVEIRA, 2008; TRALDI, 2023).

O discurso do mestre, bem como o discurso do capitalista, contrafaz essa operação de impossibilidade, oculta esse funcionamento e a eterna perda que lança o movimento em uma produção sem fim. Tanto o sujeito quanto o trabalhador não têm acesso ao todo daquilo que produzem (LACAN, 1992; BATISTA, 2017; TRALDI, 2023).

Em um quarto de giro para trás do discurso do mestre há o discurso universitário, em que a ciência moderna e o discurso científico, tão presentes na universidade, se apoiam. O saber, S_2 , agente desse discurso, se caracteriza por ser um saber de citação, saber científico universitário que em nada se relaciona com o sujeito do inconsciente (LACAN, 1992; LUSTOZA, 2018). O estudante, aqui definido como aquele que estuda, é o explorado, subjugado pelo imperativo de sempre saber mais, mas saber do que é inteiro, o que possui sentido em si mesmo, ou seja, no nível do enunciado. Tem status de saber apenas aquilo pode ser documentado, organizado, escrito, catalogado e universalizado. Em nada se relacionada com a verdade do $\$$. Esta forma de laço social cria o especialista, enquanto aquele que sabe, sob o mandato da produção de mais conhecimento para tamponamento da divisão subjetiva, tanto do especialista quando da pessoa que busca seus conhecimentos (LACAN, 1992; LUSTOZA, 2018; TRALDI, 2023).

O discurso científico, forma de laço organizada pelo discurso universitário, produz simbolicamente significados e nomeações para a falta original. As formas de subjetivação são atravessadas pelo discurso científico e têm sua falta tamponadas por esses nomes ensinados, prescritos, ofertados e vendidos. Percebem-se amarras imaginárias atreladas a essas nomeações universais do discurso científico. Isso obriga e molda os sujeitos a seguir meios de gozo, em outras palavras, meios de lidar com sua própria falta e castração preestabelecidos e universais, deixando-os alienados da chance de criação a partir de seu saber inconsciente e de sua verdade, sempre não-toda. Nessa forma de laço, há uma troca do mestre pelo saber científico. Portanto, o discurso universitário torna-se o mestre atualizado (LACAN, 1992; BACELAR; COUTINHO, 2022).

Sabe-se que a realidade não é pré-discursiva, ou seja, ela se funda no discurso (LACAN, 1985). A forma de laço discursiva e a relação com o saber é o que promove discursos dominadores e hegemônicos na sociedade atual. Como observado *in vivo*, a realidade do funcionamento do discurso universitário nas relações dentro da universidade tem caráter hegemônico e reproduzem a dominação tanto para o alunado quanto para o professorado. O saber e o sujeito do inconsciente são ignorados, obliterados e reprimidos sob a barra (LACAN, 1992; SILVA; ALTOÉ, 2018). Essa forma de dominação parece nos apontar para o terceiro tipo de mal-estar descrito por Freud, o mal-estar na relação.

Por fim, não podemos deixar de analisar o mal-estar docente a partir do discurso universitário como mestre contemporâneo. Lacan aponta que, no discurso universitário, o estudante é “astudado”, como o trabalhador no capitalismo e como o escravo no discurso do mestre, o estudante precisa produzir

(LACAN, 1992). Entretanto, ao discutir a práxis docente, principalmente no recorte que definimos, no contexto da universidade pública, o professor, apesar da radicalidade da diferença em comparação com os alunos, também se encontra na posição de “astudado”.

Dito de outra maneira, o astudado é o sujeito, na posição de docente, que tem que seguir o imperativo de sempre saber mais. Deve produzir seguindo os modelos desejados, replicando protocolos. Um tipo de saber acomodado e aceito na cultura, o que objetiva e muitas vezes impede a criação de qualquer saber particular, singular, radical e único (LACAN, 1992; FERRARI, 2010). Nesse sentido, ser astudado é perder a condição de sujeito, é tornar-se um produto consumível, logo, um mero objeto (LACAN, 1992; FERRARI, 2010).

Diante dessa perspectiva, o mal-estar do professorado pode ser entendido enquanto o sujeito que, ao executar a práxis docente, pelas demandas e imposições do sistema econômico neoliberal e dos discursos hegemônicos dominantes, acaba por ser empurrado à condição de objeto.

Gênero e raça: uma discussão interseccional sobre o mal-estar docente

A análise acerca do mal-estar docente não pode prescindir de uma discussão interseccional. O risco, sempre à espreita, de acordo com Canavêz e Verztman (2021), é o de sustentar um modelo universal, abstrato e supostamente neutro de sujeito. Neste caso em particular, do suposto docente neutro. Um modelo de subjetividade alçado à ficção de universalidade, o qual esconde o padrão normativo do docente de universidade pública homem e branco. Todavia, como bem sublinham os estudos críticos da branquitude (BENTO, 2022; SCHUCMAN, 2022), o branco não é apenas beneficiário, mas, também, é produtor ativo dessa estrutura racializada, garantindo-lhe posições mais altas na hierarquia social inclusive na universidade pública brasileira. Isso tudo ocorre sem ser considerado como fruto de privilégios simbólicos e materiais de raça.

Dito de outra maneira, há um mal-estar na universidade que atinge os docentes de forma diferenciada. Aqui, destaca-se o conceito de interseccionalidade, cunhado pela jurista feminista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (2002). Kerner (2012, p. 55) sublinha que a interseccionalidade “serve como símbolo para todas as formas possíveis de combinações e de entrelaçamentos de diversas formas de poder expressas por categorias de diferença e de diversidade, sobretudo as de “raça”, etnia, gênero, sexualidade, classe/camada social, bem como, eventualmente, as de religião, idade e deficiências”.

É interessante resgatar historicamente o contexto de luta de Kimberlé W. Crenshaw, o qual deu origem ao conceito de interseccionalidade. De acordo com Canavêz (2020), a história se inicia em um embate jurídico nos Estados Unidos entre a empresa automobilística General Motors e mulheres negras. Essas mulheres acusaram a empresa de não contratar negras devido à segregação racial e de gênero. O tribunal decompôs essas duas categorias de segregação e chegou à compreensão de que não havia racismo, pois homens negros eram contratados. Não havia também discriminação de gênero, pois mulheres eram igualmente contratadas. Crenshaw (2002), a respeito desse episódio, destaca que as

mulheres contratadas eram brancas. Diante disso, fica claro que tais categorias – no caso, raça e gênero – devem ser colocadas em interação. Oliveira (2020, p. 88) alerta que “Não apenas questões distintas se somam em um estudo interseccional”. Cada categoria – raça, classe, gênero etc – é plural, “o que faz da interseccionalidade uma ferramenta fundamental nesse processo” (OLIVEIRA, 2020, p. 107). De acordo com Crenshaw (2002, p. 177), interseccionalidade “é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”.

Em relação ao mal-estar docente, Staniscuaski et al (2021) sublinham que o ambiente acadêmico é racialmente estratificado, caracterizado por hierarquias raciais e de gênero, em instituições predominantemente brancas. As docentes negras, neste contexto, enfrentam um duplo viés e múltiplos desafios.

Tomemos como exemplo os efeitos da pandemia no âmbito da atividade docente relacionada à pesquisa. De acordo com Carpes et al (2022), o impacto não foi igual para todos. No contexto mundial, a diminuição do número de novos projetos iniciados em 2020, na pandemia, foi mais acentuada para as docentes mulheres e com filhos pequenos, entre 0 e 5 anos de idade. No Brasil, as mais afetadas foram as docentes mães e as docentes negras, sendo que estas últimas independentemente da maternidade, tiveram maior dificuldade em manter a submissão de artigos no período da pandemia.

De acordo com Staniscuaski et al (2021), a produtividade das mulheres brancas sem filhos não foi tão afetada quanto a das mulheres negras sem filhos, mas em ambos os grupos, o efeito foi maior do que o observado para os homens sem filhos, independentemente da raça. As mulheres, particularmente as negras, têm menos rede de apoio do que os homens, o que pode influenciar negativamente sua trajetória profissional.

A respeito da presença de docentes negros nas universidades públicas, é necessário destacar que, a partir da Lei nº 12.990/2014, há reserva de 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal aos negros, o que inclui as IES públicas federais. De acordo com Fernandes et al (2021, p. 13), “a lei não cumpre o objetivo de corrigir os efeitos da discriminação racial, ao assegurar a igualdade de oportunidades e possibilitar a inclusão de mais negros no serviço público”, pois “é inegável que ela apresenta brechas em seu texto que possibilitam diferentes interpretações dos gestores”. Souza et al (2021) também corroboram essa análise, ao enfatizar que as instituições se ajustaram para não garantir plenamente a aplicação da lei, o que evidencia o racismo institucional.

Sousa et al (2021), a partir de uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal Fluminense (UFF), discutem os efeitos do racismo estrutural e da feminização do cuidado em relação às carreiras profissionais de docentes negras nas áreas da saúde. As autoras analisam que as mulheres predominam nas áreas de cuidado. Contudo, nas áreas com mais prestígio social e econômico, como a medicina, há um domínio quase absoluto de homens brancos. As

professoras negras têm maior presença em áreas de cuidado, como enfermagem e nutrição, sendo esta última relacionada também com temas considerado femininos, como a alimentação.

Outro elemento muito relevante, na universidade, refere-se às diferenças na distribuição de docentes dos gêneros feminino e masculino pelas áreas do conhecimento, pelos diferentes níveis e pelos cargos de gestão universitária. Um estudo de Moschkovich e Almeida (2015), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), aponta menor presença feminina nas ciências exatas e nas engenharias e maior concentração de docentes mulheres nas ciências humanas e biomédicas, áreas significativamente mais feminizadas. Entre as dez faculdades menos feminizadas, os docentes do gênero masculino são pelo menos 80% do corpo docente, sendo, portanto, bastante restritas às docentes mulheres. A análise mostrou que, embora as docentes do gênero feminino possam obter maiores chances de ser coordenadoras de graduação, elas estão menos frequentes na coordenação de pós-graduação, nas diretorias de faculdades e institutos, na reitoria e do conselho universitário.

Considerações finais

Este artigo nasce a partir de uma inquietação que se apresenta na análise dos resultados iniciais de uma pesquisa multicêntrica concernente ao mal-estar na universidade. Na revisão bibliográfica sobre o tema, era notória a atenção ao sofrimento psíquico dos estudantes, com pouca consideração aos docentes. Esta invisibilidade nos provocou a refletir sobre o apagamento das fontes de mal-estar dos professores.

O sofrimento psíquico pode ser entendido como uma manifestação de uma crise cultural, presente atualmente em nossa sociedade, a qual vem dificultando a elaboração de sentidos sobre as vivências (SANTOS, 2021), incidindo na mudança e configuração dos laços sociais. Tal emergência do sofrimento psíquico nos convoca a uma análise crítica da cultura, em sua complexidade, visto que envolve fatores sociais, culturais, ético-políticos e econômicos.

Neste contexto, observamos o entrelaçamento entre o sofrimento psíquico e o capitalismo, potencializado pelo neoliberalismo, o qual incide sobre as relações sociais, a produção de subjetividades e a gestão do sofrimento. Desta forma, entende-se a necessidade de problematizar o sofrimento psíquico no contexto das universidades a fim de compreender seus determinantes sócio-históricos e pensar em saídas possíveis.

É crucial que a universidade seja o lugar do pensamento e da investigação livre, em que a criatividade não se aprisione em relação às necessidades corporativas urgentes do momento. Como afirma Mignolo (2015), a universidade tem que ser reorientada para responder às necessidades e problemas de nosso tempo, contribuindo para regular as corporações e o Estado, em lugar de deixar que estes regulem a universidade.

Este estudo não teve a pretensão de esgotar o tema acerca do mal-estar do professorado nas universidades públicas brasileiras, mas sim, sublinhar alguns elementos que nos auxiliem na árdua tarefa

de visibilizar o sofrimento dos docentes. A lógica neoliberal se presentifica nas demandas institucionais inesgotáveis que se articulam e colocam em funcionamento discursos de dominação que objetificam discentes e docentes. Diante dessa perspectiva, a teorização lacaniana dos discursos oferece subsídios teóricos para analisar esse processo de exploração e produção de sofrimento na universidade.

A fim de não difundir uma ideia equivocada de que o mal-estar dos docentes se apresentaria de forma homogênea, foi relevante estabelecer um enfoque interseccional nessa discussão. Como bem aponta Cupani (2008), nenhum conhecimento pode ser universal, mas, antes, tem sempre um caráter situado, parcial e contingente.

Desta forma, mais estudos são necessários para aprofundar alguns temas apontados aqui e, mais importante ainda, incluir pesquisas sobre possibilidades de espaços de circulação da palavra na universidade, para que saídas sejam co-construídas, entre docentes e discentes.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Joyce; COUTINHO, Denise. A noção lacaniana de imaginarização: a clínica psicanalítica e seus desdobramentos no social. **Rev latinoam psicopatol fundam [Internet]**. v.25, n.1, p:83–105, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n1p83.5>. Acesso em 12 de março de 2024.

BATISTA, Lilian Clementoni. Paradoxos do discurso capitalista: Um novo sujeito? **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis. v.14, n.2, p:39-56, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2017v14n2p39>. Acesso em 12 de março de 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 17ª edição, 2019.

BRANDÃO, Kelly. O que a teorização lacaniana dos discursos nos ensina sobre o laço contemporâneo? **Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas**. v.3, n.5, p:24-43, 2019. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/3883>. Acesso em 12 de março de 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2022** [recurso eletrônico]. – Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em 12 de março de 2024.

CANAVEZ, Fernanda. Raça, gênero e classe social na clínica psicanalítica. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 79-102, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200004. Acesso em 12 de março de 2024.

CANAVEZ, Fernanda; VERZTMAN, Júlio Sérgio. Somos capazes de escutar os desmentidos sociais? **Ayvu: Revista de Psicologia**, v. 8, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200004. Acesso em 12 de março de 2024.

CAPONI, Sandra; DARÉ, Patricia Kozuchovski. Neoliberalismo e sofrimento psíquico: A psiquiatrização dos padecimentos no âmbito laboral e escolar. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 25, n. 2, p. 302-320, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2020v25n2p302> Acesso em 12 de março de 2024.

CARPES, Pâmela Billig Mello; STANISCUASKI, Fernanda; OLIVEIRA, Letícia de; SOLETTI, Rossana C. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, p. e2022354, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200013> Acesso em 12 de março de 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem. Florianópolis**, v.10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011> Acesso em 12 de março de 2024.

CROCHICK, José Leon. Educação, neoliberalismo e/ou sociedade administrada. **Educar em Revista** [online]. v.37, 2021. e80472. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.80472>. Acesso em 12 de março de 2024.

CUPANI, Alberto. A ciência como conhecimento “situado”. **Filosofia e história da ciência no Cone Sul**, v. 3, p. 12-22, 2008. Disponível em: <https://www.ghc.usp.br/server/AFHIC3/Trabalhos/03-Alberto-Cupani.pdf> Acesso em 12 de março de 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

ECONOMOU, Marina.; BECHRAKI, A.; CHARITSI, M. The stigma of mental illness: A historical overview and conceptual approaches. **Psychiatriki. Greek, Modern**: v. 31, n.1, p:36-46, 2020, Jan-Mar. doi: 10.22365/jpsych.2020.311.36. PMID: 32544075. Disponível em: [10.22365/jpsych.2020.311.36](https://doi.org/10.22365/jpsych.2020.311.36) Acesso em 12 de março de 2024.

FERNANDES, Rosane Rosa Dias; SANTOS, Victor Silva; JACOB, Alexandre; DIAS, Rany Rosa. Desafios à reserva de vagas para negros em concursos públicos para docentes em instituições federais de ensino. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. e254846, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.254846> Acesso em 12 de março de 2024.

FERRARI, Vitor. Práticas discursivas na universidade: uma análise a partir da teoria lacaniana dos quatro discursos. **Revista Estudos Lacanianos**. v.3, n.4, p:1-15, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100008 Acesso em 12 de março de 2024.

FERREIRA, Marcela Santos; CARVALHO, Maria Cecília de Araújo. Estigma associado ao transtorno mental: uma breve reflexão sobre suas consequências. **Rev Interdiscip Estud Saude**. v.6, n.2, p.192-201, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/1094> Acesso em 12 de março de 2024.

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (1915 [1914]). In: FREUD, Sigmund. **O caso Shereber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)**, Rio de Janeiro: Imago, p: 177-188, 1996.

FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Autêntica Editora, 2020. (Obra original publicada em 1930).

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DE SÃO PAULO (FAPESP). Distúrbios na academia: Universidades trabalham no desenvolvimento de estratégias de prevenção e atendimento psicológico de alunos de graduação e pós-graduação. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, edição 262, dez. 2017. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/disturbios-na-academia/> Acesso em 12 de março de 2024.

GOULART, Maria Stella Brandão; ANTUNES, Juliana Coelho. Professores: sofrimento mental na universidade pública?. **Trabalho & Educação**, v. 29, n. 3, p. 95-112, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/index> Acesso em 14 de março de 2024.

GURSKI, Rose. A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre Psicanálise e Socieducação. **Tempo Psicanalítico**, v. 51, p. 166-194, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200009 Acesso em 14 de março de 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KERNER, Ina. Tudo é interseccional?: Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos estudos CEBRAP**, p. 45-58, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002012000200005> Acesso em 14 de março de 2024.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: LACAN, Jacques. **Escritos**, 1998a, p. 869-892. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, Jacques. **Escritos**, 1998b, p. 807-842. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. **Escritos**, 1998c, p. 238-324. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. **O seminário 17: O avesso da psicanálise**. 1992. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. **O Seminário 20: Mais, ainda**. 1985a. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 1985b. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LEÃO, Thiago Marques; IANNI, Aurea Maria Zöllner; GOTO, Carine Sayuri. Individualização e sofrimento psíquico na universidade: entre a clínica e a empresa de si. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 9, p. 131-143, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1250> Acesso em 14 de março de 2024.

LEITE, Janete Luzia. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. **Revista Katálysis**, v. 20, p. 207-215, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207> Acesso em 14 de março de 2024.

LIMA, Jacqueline Lopes de. **Dádiva, Ciência e Saúde: uma análise do trabalho de docentes**. 2022. 130 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/58577> Acesso em 14 de março de 2024.

LUSTOZA, Rosane Zétola. A formação do conceito de Nome do pai (1938-1958). **Ágora (Rio J [Internet]**. v.1, n.3, p:323–32, 2018. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003004> Acesso em: 14 de março de 2024.

MIGNOLO, Walter D. **Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad** (antología, 1999-2004). Barcelona: CIDOB, 2015. Disponível em: https://www.cidob.org/es/publicaciones/serie_de_publicacion/interrogar_la_actualidad/habitar_la_frontera_sentir_y_pensar_la_descolonialidad_antologia_1999_2014 Acesso em: 14 de março de 2024.

MORAIS, Raquel Pereira de; MAIA FILHO, Osterne Nonato; GOMES, Valdamarin Coelho. A interdisciplinaridade no Ensino Médio Integrado: mediações com a proposta pedagógica da reforma do Ensino Médio. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 14, n. 1, p. 556-573, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/gmed.v14i1.46146> Acesso em: 14 de março de 2024.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria F. Desigualdades de gênero na carreira acadêmica no Brasil. **Dados**, v. 58, p. 749-789, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/LgVhs5k7bhQNgnRyCvKBTRs/?lang=pt> Acesso em: 14 de março de 2024.

OLIVEIRA, Beatriz Vitória Souza; NETA, Raimunda Leite De Alencar; NASCIMENTO, Ingridy Michely Gadelha do; OLIVEIRA; Geane Silva; MEDEIROS, Renata Livia Silva Fonseca Moreira de; FEITOSA, Ankilma Do Nascimento Andrade. Impacto da pandemia do COVID-19 sob o cuidado na atenção primária à saúde: percepção de enfermeiros. **Saúde Coletiva** (Barueri), v.11, núm. COVID, p. 7057-7072, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11iCOVIDp7057-7072> Acesso em: 14 de março de 2024.

OLIVEIRA, Cláudio. O chiste, a mais-valia e o mais-de-gozar. **Revista Estudos Lacanianos**. v.1, n.1, p:1-15, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v1n1/v1n1a05.pdf> Acesso em: 14 de março de 2024.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Salvador: Devires, 2020.

RINALDI, Dóris; JORGE, Marco Antônio Coutinho. Saber, verdade e gozo: leituras de Jacques seminário, livro 17 de Lacan. Rio de Janeiro: **Rios Ambiciosos**, 1 ed. 2002.

ROSA, Miriam Debieux. **A Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2a edição. 2016.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson; Dunker, Christian. **Patologias do social: Arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica. 2018.

SANTOS, Bárbara. Naves dos. **O Sofrimento Psíquico Do Discente Universitário: Uma Análise Crítica**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal De Goiás, Faculdade De Educação (Fe), Programa De Pós-Graduação Em Psicologia. Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/530cd4f5-28ed-47c3-8313-ce201e9bbf5e> Acesso em: 14 de março de 2024.

SCHUCMAN, Lia Vainer. O Branco e a Branquitude: Letramento Racial e Formas de Desconstrução do Racismo. **Portuguese Literary and Cultural Studies**, p. 171-189, 2022. Disponível em: https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/view/PLCS34_35_Schucman_page171/1333 Acesso em: 14 de março de 2024.

SILVA, Jerto Cardoso da, et al. SAÚDE MENTAL, ADOECIMENTO E TRABALHO DOCENTE. **Psicologia Escolar e Educacional [online]**. v. 27, 2023. e242262. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262> <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262-T>>. Epub 10 Nov 2023. ISSN 2175-3539. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262>. <https://www.scielo.br/j/pee/a/pnKjTfs7s9VrzJGMhTsMPSG/#> Acesso em: 14 de março de 2024.

SILVA, Magali Milene; ALTOÉ, Sonia. O pai: uma questão sempre atual para a psicanálise. **Ágora**. v.21, n.3, p:333–42, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003005> Acesso em: 1 de março de 2024.

SOUSA, Ana Lucia Nunes de; CABRAL, Luciana Ferrari Espíndola; MOREIRA, Janine Monteiro; WEIHMÜLLER, Valentina Carranza; RODRIGUES, Marina Meloni da Silva; ARAÚJO, Gabriela Gomes; MACEDO, Beatriz Cristina Castro. Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre o racismo estrutural e a feminização do cuidado. **Saúde em Debate**, v. 45, p. 13-26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E101> Acesso em: 10 de março de 2024.

STANISCUASKI, Fernanda; Kmetzsch, Livia; Soletti, Rossana C. et al. Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. **Frontiers in psychology**, v. 12, p. 663252, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.663252> Acesso em: 10 de março de 2024.

TRALDI, Beatriz Almeida Gabardo. **Autorizando-se: compreensão sobre o processo de autorização do desenvolvimento da clínica de orientação psicanalítica nos serviços públicos de saúde mental por psicólogos**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 122. 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1373552?guid=1718676867216&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1718676867216%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1373552%231373552&i=1> Acesso em: 10 de março de 2024.

ZISSI Anastasia. Social stigma in mental illness: A review of concepts, methods and empirical evidence. **Psychiatriki**. Greek, Modern: v. 33, n.2, p:149-156, 2022 Jun 10. doi: 10.22365/jpsych.2021.039. Epub 2021 Aug 10. PMID: 34390566. Disponível em: [10.22365/jpsych.2021.039](https://doi.org/10.22365/jpsych.2021.039) Acesso em: 9 de março de 2024.

*Recebido em: 22 de março de 2024.
Aprovado em: 08 de junho de 2024.*